

Mural da História

Falta um programa autónomo para a pintura mural

!Miguel Conde

Não é de agora que reclamam uma intensificação das discussões interdisciplinares e a publicação de mais textos teórico-técnicos, que permitam enquadrar a prática da conservação em geral. Fomos ouvir a sua opinião sobre os problemas da actividade e a visão que têm do panorama do país no que concerne à pintura mural.

Entrevistámos Joaquim Caetano (JC) e José Pestana (JP), não tendo sido possível falar com Maria Alice Cotovio, que se encontrava em trabalho de campo.

P&C: *Desde a criação da Mural da História, têm tido sempre muito trabalho?*

JP: Sim, talvez com a excepção do ano de 1998. O mercado da conservação e restauro tornou-se, a partir de certa altura, muito apetecido, até pela ideia de um lucro fácil. Muitos jovens que saíam dos cursos de restauro constituíam empresas dedicadas à pintura mural, e mesmo empresas de construção civil viram essa área como um mercado apetecível. Devido a esta combinação de factores, os preços lançados a concurso eram muito baixos, o que motivou uma recessão natural do próprio mercado.

P&C: *No entanto, tiveram sempre trabalhos de relevo. Como se explica isso?*

JC: Antes de mais, pela nossa maneira de trabalhar. Até porque, com as intervenções menos felizes de 1998, as instituições oficiais começaram a compreender que não eram só os preços mais baixos que eram importantes. Por vezes, por uma questão de qualidade, somos convidados directamente para fazer um determinado trabalho.

P&C: *Sendo a vossa actividade eminentemente prática, como acham que se tem processado a formação teórica da vossa área em Portugal?*

JC: Acho que o problema hoje em dia reside em a formação ser essencialmente teórica nas duas instituições com licenciatura em conservação e restauro, a Universidade Nova e o Politécnico de Tomar.

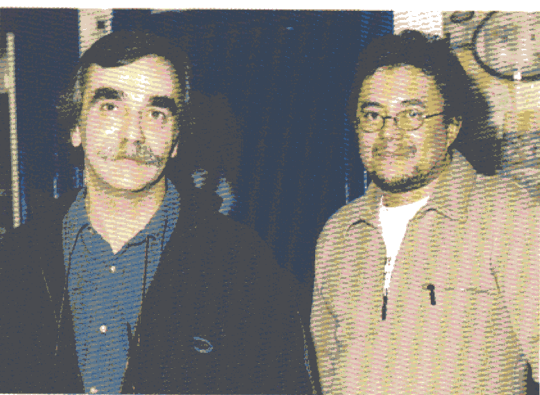
P&C: *A vossa empresa tem como técnicos os três sócios fundadores?*

JC: Sim. Contudo, contamos com um grupo de três ou quatro técnicos, mais ou menos fixo, a colaborar connosco praticamente desde o início.

JP: Tentamos sempre manter o mesmo número de pessoas, mas há casos em que, pontualmente, precisamos de mais alguém.

P&C: *A vossa empresa tem-se mostrado activa, desenvolvendo trabalhos de algum relevo. Que trabalho gostariam de destacar?*

JC: Talvez o núcleo de pinturas românicas em igrejas do norte, nomeadamente na Igreja de Trevões, em Viseu, e na de Santa Leocádia, em Chaves*. São dois trabalhos importantes, mesmo ao nível teórico.



Joaquim Caetano e José Pestana, conservadores/restauradores de pintura mural.

A *Mural da História* dedica-se à conservação, restauro, investigação, divulgação e formação em pintura mural. Formada em 1991 pelos sócios que ainda hoje a dirigem, Joaquim Caetano, José Pestana e Maria Alice Cotovio, realizou desde então várias intervenções de conservação e restauro de pintura e revestimentos murais, de diversas técnicas e sobre diferentes suportes. Os seus fundadores estão conscientes não só das dificuldades com que a conservação da pintura mural *per se* se debate, mas também da sua importância enquanto parte de um todo a restaurar e em que a pintura mural é apenas um dos componentes.

P&C: *Mas os técnicos especializados, como vocês por exemplo, já com alguma experiência, sentem que é importante fazer um investimento na vertente teórica do vosso trabalho?*

JC: Nós fazemos parte de um grupo restrito na área do Património, de cerca de trinta pessoas que, em 1981, entrou no curso do Instituto

"Normalmente (...) Quando somos chamados já as obras estão no seu final e os factos consumados."

José Figueiredo. Curso que visava formar técnicos especializados para preencherem os lugares em aberto no próprio Instituto. Foi uma altura em que se ganhou uma maior consciência para a questão do Património, até porque 1980 foi o Ano Internacional do Património.

P&C: *O restauro de pintura mural é uma sub-área bastante específica da conservação e restauro do património edificado. Que dificuldades sentem derivadas desta situação?*

JC: Depende de como é programada a intervenção no edifício. Antes de mais, raramente trabalhamos no decurso de uma obra, pois o tipo de trabalho que fazemos implica que o façamos no final. As maiores dificuldades têm lugar quando temos de trabalhar numa empreitada grande.

JP: O ideal seria avaliarmos a situação antes do início da obra, expô-la a quem faz o restante trabalho de restauro e voltarmos depois deste ter terminado. Esse seria o procedimento ideal, mas infelizmente a pintura é sempre o último item na lista das prioridades de uma obra

maior. Muitas vezes acaba por ser um "empecilho".

P&C: *Nas grandes obras não deveria haver um técnico de pintura mural que acompanhasse a sua evolução desde o início?*

JP: Normalmente, tal não acontece. Quando somos chamados, já as obras estão no seu final e os factos consumados. Embora haja excepções, de que é exemplo a transformação do Convento das Chagas em Vila Viçosa numa pousada da ENATUR. Aí fizemos um acompanhamento quase total da obra, até porque havia uma larga área de pintura coberta com cal que tornava necessário averiguar com exactidão a sua extensão e qualidade. Fez-se um primeiro levantamento da cal para que se visse que tipo de pintura existia. Depois, acompanhámos o desenrolar da obra, o que proporcionou alguns ajustamentos ao projecto. A cooperação foi muito boa, tanto com o arquitecto como com o engenheiro. Mas este caso foi uma excepção. Por norma, chegamos quando quase tudo já está decidido e feito.

P&C: *Qual é então a leitura que fazem do "estado da nação" na área da pintura mural?*

JC: Tem sido dada uma maior atenção à pintura mural, têm sido abertos cada vez mais concursos, ainda que limitados por questões orçamentais. Só a partir de meados do



Remoção da cal que cobria as pinturas da parede esquerda da capela-mor da Igreja de Santa Leocádia, em Chaves.

ano é que começam a abrir concursos para a pintura mural. É utilizado dinheiro que sobra de outras áreas tidas como prioritárias em termos de conservação do edifício, como seja a recuperação de coberturas. Realizam-se acções pontuais, nomeadamente pelo IPPAR, mas mesmo este está mais virado, hoje em dia, para os grandes conventos. Não é atribuída maior importância à pintura mural porque estamos perante uma arte que, ao contrário de uma pintura de cavalete ou de uma talha, não é financeiramente avaliável. A prioridade da talha em relação à pintura mural pode constatar-se pelo facto de muitas pinturas dos séculos XV ou XVI terem chegado até nós apenas porque se encontravam escondidas atrás de talhas.

JP: Por outro lado, o facto de ser imóvel também acaba por ter aspectos positivos. É uma arte cujos exemplares não são roubados.

P&C: Para que se evolua, mesmo tecnicamente, muito contribuirá o contacto com realidades estrangeiras. Que tipo de reuniões internacionais é que têm lugar na área da pintura mural?

JP: A Summer School é a única reunião internacional da pintura mural que está instituída, mas, ainda assim, de um modo muito informal. É uma

reunião que se realiza no âmbito da *International Academic Projects*, que convida uma pessoa de cada país para organizar a *Summer School* desse ano.

JC: A última que teve lugar foi na região do Veneto em 1999. Em 1997, fomos nós que organizámos a reunião, em Trás-os-Montes, e em 2001 somos também nós os organizadores. Terá lugar no Alentejo, na primeira semana de Outubro.

P&C: Que seja um sucesso.

*Intervenção distinguida com uma menção honrosa do Prémio GECORPA 2000.



3º Prémio RECRIA 2000

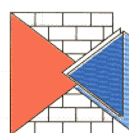


reabilitação e recuperação de edifícios e património arquitectónico

miu **gabinete técnico de engenharia, lda.**

empregueiro de obras públicas e particulares

Rua do Vale de Sto. António, 46 - 2º Dtº. - 1170-381 LISBOA
 Telefone: 218 161 620 - Fax: 218 161 629
 E-mail: miu.lda@mail.telepac.pt



BRERA
CONSTRUÇÕES

"A MELHOR MANEIRA DE CONSERVAR UM EDIFÍCIO É MANTÊ-LO EM USO, UMA PRÁTICA QUE PODE ENVOLVER MODERNIZAÇÃO COM OU SEM ALTERAÇÕES DE ADAPTAÇÃO"

In Carvalho, José A. Lobo - Salvaguarda do Património Edificado

Obra de remodelação do Museu (antiga vacaria)
 ESCOLA PROFISSIONAL AGRÍCOLA D. DINIS - PAIÃO



Rua Miguel Torga, 24 - Esplanado 4,6 - Alfragide - 2720-252 AMADORA
 tel: 2147 25470 - fax: 2147 25471 - e-mail: brecefp@pt